

## Artigo Relato de Experiência

### **O *Temenos*: um olhar sobre o *setting* – espaço-tempo de encontro das vivências arteterapêuticas**

### ***The Temenos: a look at the setting – space-time of art-therapeutic experiences***

**Maira Bruce Valença<sup>7</sup>**

#### **Resumo**

Este artigo aborda a questão do *setting* arteterapêutico, percebendo-o como um espaço-tempo ritualístico, propício para a jornada vivencial do indivíduo no encontro consigo, em grupo. Nele, artigo algumas noções que adjetivam o espaço terapêutico como ambiente acolhedor (Héstia), onde o tempo pode ser dilatado (*Kairós*) numa experiência transformadora (*Temenos*) para o indivíduo e para o grupo. Baseia-se na minha vivência como aluna na Formação em Arteterapia e Linguagens Corporais da Traços – PE, que se configurou como um grupo arteterapêutico com objetivos formativos.

**Palavras-chave:** Arteterapia. *Setting*. *Temenos*. *Kairós*. Héstia.

#### **Abstract**

This article approaches the question of the art therapy setting, perceiving this like a ritualistic space-time, propitious to the experiential journey of the individual in the encounter with himself, in a group. Therefore, I articulate some notions that adjectivate the therapeutic space as a welcoming environment (Hestia), where time can be expanded (Kairós) in a transforming experience (Temenos) for the individual and the group. Based on my experience as a student in the Training in Art Therapy and Body Languages of Traços - PE, which was configured as an art therapy group with formative objectives.

**Key-words:** Art therapy. Setting. Temenos, Kairós, Héstia.

---

<sup>7</sup> Arte-educadora com habilitação em Artes Cênicas pela UFPE. Mestra em Educação pela UFPE (2017). Arteterapeuta formada pelo Traços, estudos em Arteterapia. Arteterapeuta associada à Arte-PE (nº 121/0817). Contato: mairabrucee@gmail.com

## Arteterapia: um campo do saber

A Arteterapia é um campo do conhecimento que atua na saúde criativa dos sujeitos, estimulando-os através da utilização de atividades sensoriais e meditativas, que levam à expressividade em materiais plásticos e suportes diversos, e em seguida à reflexão acerca do vivido e do que foi produzido. Para isto é preciso que ela ocorra em um espaço-tempo acolhedor, onde sua livre expressão esteja assegurada, onde o mergulho que o sujeito irá fazer em suas próprias questões, esteja protegido pela circunscrição deste espaço, no tempo designado para tal.

Com isso, busca-se alcançar o que Csikszentmihalyi (*apud* Philippini, 2011 a) considera um “fluxo de criatividade”, que nessa perspectiva representa saúde. A arteterapia parte do pressuposto que um sujeito em sofrimento psíquico tem bloqueados seus processos criativos, e do mesmo modo um sujeito que não alimenta seu eu criativo, poderá entrar em sofrimento psíquico.

Para Verena Kast (2016, p. 134) é preciso dedicar tempo e ritmo ao criativo, pois quando algo novo surge, isso expressa verdadeiramente o “aspecto vivo da alma: para o indivíduo, mas também para a sociedade”. A criatividade expressa, segundo a autora, que ocorreu um movimento de ressonância entre os mundos interior e exterior do indivíduo, gerando uma nova criação. De acordo com a autora:

Tornar-se são significa para Jung conectar-se com o princípio criativo que permeia tudo na vida, de estar no fluxo do devir e do morrer. Então a pessoa passa a viver numa postura criativa, ela passa a ter acesso aos seus recursos, então as forças de autocura podem começar a agir na pessoa. A criatividade se apoia na força de imaginação criativa. Para C.G. Jung, esta é de importância central: quando o ser humano é criativo, ele cria também a si mesmo. (KAST, 2016, p. 138)

Buscamos, em Arteterapia, tocar as pessoas, a partir da experimentação de materiais e vivências. A partir deste processo, com os recursos criativos que se tem, criam, amalgamam formas e imagens simbólicas que servem aos processos subjetivos de autoconhecimento e construção de si, e são também servidas e

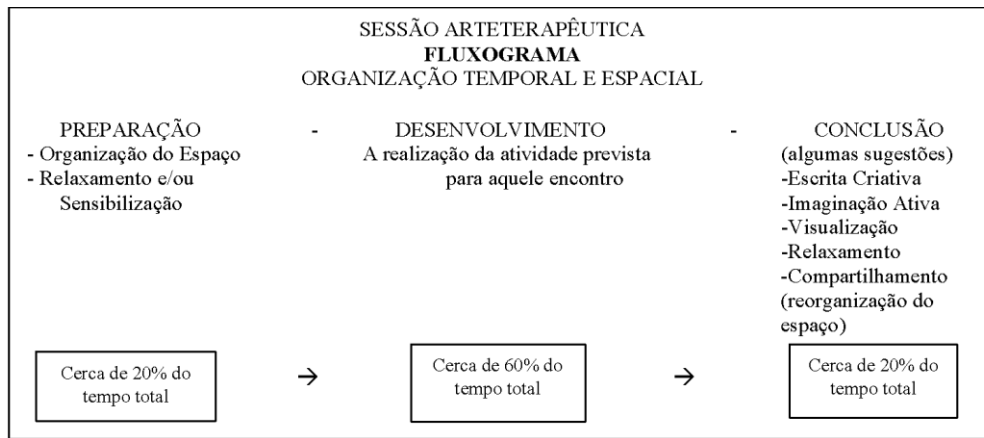
complementadas pelas trocas de olhares, de falas, de sentires, sobre o que foi feito, estabelecendo conexões entre a imagem e as vivências pessoais.

Em Arteterapia recriamos o espaço-tempo das coisas, pois buscamos vivenciá-las, buscamos nos relacionar com elas, resgatando isto cada vez mais raro: estar inteiro em algo, em algum lugar. Poder estender o tempo, degustá-lo, e se emocionar, aprender com isso. Buscamos trazer para a vida o que está enrijecido. A isto, Angela Philippini (2011a, p. 18) nomeou a “Dimensão Vivencial” em Arteterapia.

Segundo Philippini (idem), existem três dimensões que norteiam e organizam o processo arteterapêutico em grupos, dentro do *setting*, onde ocorre este fazer, elas são: a *Dimensão Primária*, referente às memórias afetivas primordiais, como a família, por exemplo, e tudo o que ela significa, como o aconchego primordial, recriado pelo aconchego do *setting* arteterapêutico; a *Dimensão Secundária*, referente ao contexto das normas, das regras e das leis do convívio social, necessárias em qualquer grupo ou turma; e a *Dimensão Vivencial*, referente ao que é expressivo e criativo das atividades arteterapêuticas.

A dimensão vivencial se pauta numa organização profana do tempo (ELIADE, 2012) – isto é, o tempo cronometrado das atividades cotidianas, afinal, é neste tempo que funcionamos, porém, ela busca provocar o Tempo sagrado, o “não-tempo”, onde ocorre o devaneio, a contemplação, onde vivenciamos algo significativo e como costumamos dizer: “nem sentimos o tempo passar”.

O Tempo profano a que me refiro, portanto, é a organização estrutural do tempo de uma vivência, entendida aqui, no sentido Arteterapêutico, da Dimensão vivencial, do espaço-tempo de uma atividade que acarretará a aquisição de conteúdos significativos para a vida do sujeito que dela participa. Esta organização estrutural se pauta no seguinte Fluxograma (PHILIPPINI, 2011a, p. 38):



Esta estrutura é uma base na qual desenvolvemos o trabalho em Arteterapia, mas não é, de modo algum, compreendida como uma estrutura rígida. Ela funciona mais como um guia, onde as porcentagens são indicações de um fluxo possível, como seu próprio nome sugere.

Além da organização temporal, existe uma organização espacial que chamamos “setting arteterapêutico”. A preparação das sessões de Arteterapia, seja ela de cunho terapêutico ou formativo, exige inicialmente a ambientação do *setting* onde ocorrerá a sessão, terapêutica ou formativa. O *setting* é o local que abriga o tempo sagrado, a dimensão ritualística de uma sessão, e por isso ele tem um papel fundamental neste fazer.

A partir dessa organização inicial, espaço-temporal, tudo pode acontecer, basta dispor de criatividade, sensibilidade e principalmente do conhecimento que possibilite conduzir tudo isso de forma a criar pontes entre as pessoas, o que elas criam nesse espaço, suas demandas e suas vivências.

O aspecto vivencial da Arteterapia envolve inicialmente um momento de relaxamento, ou sensibilização, fundamental para o desenvolvimento do trabalho, pois permite uma maior entrega, reduzindo as resistências em estar presente.

Depois, ocorre o desenvolvimento da atividade prevista para aquele encontro, que pode ter o que chamamos “estímulos geradores” – músicas, vídeos, poemas, textos, etc., que, vinculados a um tema, estimulam a atividade expressiva. Esta

atividade expressiva também pode ocorrer sem estímulos geradores, principalmente quando se está iniciando um trabalho com um grupo e ainda desconhecemos os temas que aquele grupo traz. Portanto, este momento central é o momento onde ocorre a atividade expressiva em si, que pode ser com argila, pintura, colagem, e diversos outros suportes e materiais, tanto quanto a criatividade puder viabilizar.

Por fim, num momento mais conclusivo, podemos utilizar a escrita criativa, o diálogo com as imagens geradas, ou o compartilhamento do que foi vivido. Através desta organização temporal e espacial, os participantes são levados a uma imersão em sua subjetividade, e quando em grupo, também a um envolvimento coletivo.

De acordo com Marian Liebmann (2000, p. 18):

[...] A Arteterapia usa a arte como meio de expressão pessoal para comunicar sentimentos, em vez de ter como objetivo produtos finais esteticamente agradáveis a serem julgados segundo padrões externos. Esse meio de expressão é acessível a todos, não apenas aos que têm talento artístico.

Isto aponta para um princípio fundamental neste fazer: a fruição. O fluxo. Não buscamos o controle da imagem a ser produzida, atuamos no processo de criar as condições para deixar emergir imagens, qualquer que sejam, e em seguida, atuamos nos diálogos que podem ser estabelecidos com esta produção a fim de que ela possa falar-nos sobre nós mesmos.

Segundo Andrade (2000, p. 35):

Ao utilizar-se de práticas artísticas [...] tendo funções terapêuticas [...] deixa-se de lado os aspectos estéticos e formais [...] o que importa de fato é propiciar aos indivíduos uma forma de dinamizar sua condição inata de organizar suas percepções, sentimentos e sensações, ou seja os conteúdos internos de sua vida psíquica vertidos em imagens e símbolos.

Não é preciso ser um sujeito em sofrimento psíquico para buscar a Arteterapia, pois a livre expressão artística através da imersão na atividade criativa proporciona o autoconhecimento a todo e qualquer indivíduo, que se depara e dialoga com as imagens que gerou, e num processo que envolve expressão e leitura de si através da arte, cultiva seus fluxos criativos, alimentando-os de imagens simbólicas.

De acordo com Silveira (*apud* PHILIPPINI, 2011a, p. 34):

[...] o que importa é o indivíduo dar forma, mesmo que rudimentar ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos. [...] Somente sob a forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais.

Aqui, a arte é um caminho para o autoconhecimento e *alongamento* da alma – numa paródia ao alongamento do corpo. Esticamos, massageamos, tiramos as tensões da alma, e assim, ela se expande – cresce como nossos corpos, depois de alongados.

### **As vivências arteterapêuticas em grupo e o conhecimento de “si-mesmo”**

De acordo com Gadamer (2015, p. 105): “Vivenciar significa ainda estar vivo quando algo acontece”. Estar vivo é estar inteiro. É estar imerso, mergulhado. Só posso estar inteiro, imerso em algo, se estou de mente, corpo e espírito. Por isso, para entrar na dimensão vivencial, precisamos “desmecanizar” nossas rotinas. Faz-se necessário trocar a rotina pelo rito. Para isso, precisamos cuidar do nosso espaço interno e externo, e isto significa reviver os sentidos – visão, tato, audição, olfato e intuição.

Vivenciar o conhecimento de si no *setting* arteterapêutico é então, se permitir ao tempo necessário para a construção deste saber, é estar aberto ao mergulho e quando em grupo, ao conhecimento também do outro. Vivenciar o autoconhecimento no *setting* arteterapêutico é deixar-se tocar, emocionar, sentir na pele, nos ouvidos, é respirar e se conectar com a própria história e com as próprias pulsões.

A sensorialidade tem um papel fundamental nesse processo. Segundo Verena Kast (2016, p. 20):

Experiências sensoriais, experiências feitas com os sentidos são muito próximas de experiências de sentido. Nessas situações vivenciamos a vida como cheia de sentido. [...] A palavra “*sinnan*” do alto alemão antigo para a experiência de sentido significa “explorar”, “experimental”. [...]. Quando nos apercebemos do mundo com todos os sentidos, estamos bem ali onde a vida ocorre neste instante, em determinado espaço, em determinado tempo. Estamos ‘conosco’ e no mundo. Somos seres humanos, da forma como os seres humanos

sempre foram: percebemos a vida com todos os sentidos e assim estabelecemos uma relação erótica com o mundo e com os próximos.

Esta sensorialidade é primeiramente provocada pelo espaço acolhedor das sessões em grupo: a configuração do *setting* também tem, portanto, um papel fundamental nesse processo. Cheirinhos agradáveis no ar ou um óleo essencial compartilhado por todas, flores frescas em centros arredondados cobertos com belos tecidos, ou quem sabe pequenas toalhas de crochê... velas, ambientação musical... alguns centros desses elaborados apenas com elementos como os citados acima, posso estar inteiro, imerso em algo, se estou de mente, corpo e espírito. Por isso, para entrar na dimensão vivencial, precisamos “desmecanizar” nossas rotinas. Faz-se necessário trocar a rotina pelo rito. Para isso, precisamos cuidar do nosso espaço interno e externo, e isto significa reviver os sentidos – visão, tato, audição, olfato e intuição.

Vivenciar o conhecimento de si no *setting* arteterapêutico é então, se permitir ao tempo necessário para a construção deste saber, é estar aberto ao mergulho e quando em grupo, ao conhecimento também do outro. Vivenciar o autoconhecimento no *setting* arteterapêutico é deixar-se tocar, emocionar, sentir na pele, nos ouvidos, é respirar e se conectar com a própria história e com as próprias pulsões.

A sensorialidade tem um papel fundamental nesse processo. Segundo Verena Kast (2016, p. 20):

Experiências sensoriais, experiências feitas com os sentidos são muito próximas de experiências de sentido. Nessas situações vivenciamos a vida como cheia de sentido. [...] A palavra “*sinnan*” do alto alemão antigo para a experiência de sentido significa “explorar”, “experimental”. [...]. Quando nos apercebemos do mundo com todos os sentidos, estamos bem ali onde a vida ocorre neste instante, em determinado espaço, em determinado tempo. Estamos ‘conosco’ e no mundo. Somos seres humanos, da forma como os seres humanos sempre foram: percebemos a vida com todos os sentidos e assim estabelecemos uma relação erótica com o mundo e com os próximos.

Esta sensorialidade é primeiramente provocada pelo espaço acolhedor das

sessões em grupo: a configuração do *setting* também tem, portanto, um papel fundamental nesse processo. Cheirinhos agradáveis no ar ou um óleo essencial compartilhado por todas, flores frescas em centros arredondados cobertos com belos tecidos, ou quem sabe pequenas toalhas de crochê... velas, ambientação musical... alguns centros desses elaborados apenas com elementos como os citados acima, outros já incorporando, além destes, materiais que serão utilizados pelo grupo: retalhos, tesouras, cola, tintas, pincéis, etc.

De acordo com Freitas (2005, p. 59):

O espaço costuma adquirir características ligadas ao **ritual** [grifo meu], que podemos associar ao *temenos* [grifo da autora], o espaço sagrado do mundo grego: geralmente, na sala há o canto do compartilhar grupal, os lugares de reflexão e criação individual, os locais para armazenamento e exposição do material criado. Almofadas, pedaços de fita crepe colados ao chão, luzes acesas ou apagadas, são elementos que ajudam a transformação do espaço físico em um ambiente psicológico.

Daryl Sharp (1991, p. 153), no Léxico Junguiano, define: “*Temenos*”. Palavra grega que significa um lugar sagrado e protegido; psicologicamente, indica tanto um recipiente pessoal quanto o sentido de privacidade que cerca um relacionamento analítico”. Em termos alquímicos, o *temenos* era um recipiente hermeticamente fechado, onde as substâncias se misturavam e onde ocorria a transformação da matéria. Neste sentido, em Arteterapia utiliza-se este termo para falar do *setting*, espaço-tempo cênico da transformação em grupo, que se opera dentro e fora dos sujeitos, podendo ser acompanhada através das suas produções expressivas.

Este território sagrado onde tudo acontece: o *setting* arteterapêutico, é um fator de extrema importância para a ativação da dimensão vivencial, pois é através do aconchego deste espaço, que as pessoas se envolvem com o que acontece ali.

Segundo Philippini (2011a, p. 40):

O *setting* arteterapêutico como um território criativo, é de suma importância para propiciar a evolução da consciência e o

desenvolvimento do processo expressivo. Na medida em que se oferece um continente para as inseguranças e os receios dos participantes, principalmente no início das atividades, quando estes ainda não têm vínculos entre si, tampouco com o facilitador, e na maioria das vezes, não estão familiarizados com as estratégias e os materiais expressivos, mais possibilidades se têm de efetividade do trabalho arteterapêutico.

Faz-se importante considerar o *setting* como um ambiente onde tudo é possível: o espaço vazio tem uma potência enorme. Nele, pode nada mudar, pode nada acontecer, mas também pode acontecer tudo. Fazer do *setting* um território comum e confortável para os participantes do grupo arteterapêutico pode fazer do processo de autoconhecimento algo extremamente fascinante.

Segundo Souza e Pedon (*apud* PHILIPPINI, 2011a, p. 40), os “territórios nada mais são que espaços imaginados, produzidos pelas vivências daqueles que os habitam, ou daqueles que, de algum modo, partilham experiências nele”. Criar este senso de pertencimento é fazer do grupo uma tribo, capaz de se acolher diante de subjetividades tão diversas e complementares. Isto fortalece os processos subjetivos, à medida que os próprios participantes podem se ajudar.

Segundo Philippini (2011a, p. 73): “A vivência grupal pode renovar nossa relação ancestral com a forma circular, mandálica, cooperando na restauração do senso de integridade, totalidade e inteireza psíquica”. Deste modo, o grupo oportuniza acolhimento e proteção, o que é fundamental para o desenvolvimento do processo de individuação dos sujeitos. Nesse espaço somos nós mesmos diante do outro, podendo nos construir em coletivo.

Hillman (*apud* FREITAS, 2005, p. 57 e 58) sugere, para pensar o espaço-tempo de acolhimento terapêutico – ao qual estamos chamando de *setting* ou *temenos* – que:

[...] consideremos Héstia, a deusa grega que enfatiza a interioridade e o anonimato. [...] Trata-se de uma deusa *sem imagem*, comumente representada apenas por um círculo ou uma chama crepitante. Ela não sai em aventuras pelo mundo, mas permanece ao redor da lareira, que a mantém acesa. Seu espaço é redondo, quente e

acolhedor, no qual se pode devanear sem se perder, seguindo o movimento das fagulhas ou da crepitação do fogo, num estado contemplativo, aquietado. Imagens, ideias e sensações acabam surgindo e nos convidam a olhar para elas até que uma ganhe nitidez e se apresente com mais insistência. (FREITAS, 2005, p. 57 e 58).

Estamos falando de um espaço-tempo que busca envolver quem dele participa de modo ritualístico e para isso configuramos essa sala, esse espaço, como um cenário de um templo. Segundo Hermann Usener (*apud* ELIADE, 2012, p. 68): “*Templum* exprime o espacial, *Tempus* o temporal. O conjunto desses dois elementos constitui uma imagem circular espaço-temporal”. Eliade (2012, p. 95) explica que “quando é *dessacralizado*, o Tempo cíclico torna-se terrífico: revela-se como um círculo girando indefinidamente sobre si mesmo, repetindo-se até o infinito” [grifos do autor]. Do contrário, o tempo sacralizado é aquele que escapa por entre os dedos, é aquele do qual nem sentimos a passagem. É um tempo subjetivo, cuja percepção depende do nosso envolvimento.

Para Eliade (2012, p. 79), “o homem religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana”. Todos nós, religiosos ou não, precisamos de brechas no tempo, e são os momentos de “brechas” que nos permitem a continuidade da caminhada diária.

Imagine se pudermos converter nossos espaços profanos em espaços sagrados, onde sintamos mais prazer ao realizar nosso trabalho, ao realizar atividades cotidianas. Como podemos tornar nossos espaços e tempos endurecidos em lugares e momentos mais agradáveis, mais aconchegantes? Como podemos sacralizar nossa relação com o nosso tempo e com os nossos espaços?

Segundo Freitas (2005, p. 62):

O tempo associado à Héstia não é o do relógio, do calendário ou dos prazos, aquele que delimita tarefas a cumprir. Ela permanece absorvida no que faz, sem pressa, muito mais envolvida pelo tempo do que desafiada por ele. Essa deusa tem mais afinidade com o **tempo *kairós*** [grifo meu] do que com o cronológico. Quando regidos por Héstia, é frequente perdermos a noção do tempo, numa experiência que pode ser nutritiva e apaziguadora de tensões.

O tempo prazeroso *Kairós* é também uma metáfora recorrente nos estudos acerca do *setting* arteterapêutico, a figura arquetípica de *Kairós* personifica o momento oportuno, ele é a imagem do tempo presente, deste tempo sagrado no qual as vivências acontecem. Ele se opõe ao tempo Cronos, que se identifica com o tempo profano de que falamos acima, com o tempo ordinário, dos dias, das horas. Segundo Philippini (2011b, p. 38 e 39):

Na Grécia Antiga, para lidar com a complexidade dos fenômenos temporais, encontramos duas divindades míticas, Cronos e *Kairós*. Consideravam Cronos representativo do tempo linear, das horas, dias, semanas, meses e anos, entidade descrita como terrível e devoradora de seus próprios filhos, determinante de nossa "Cronologia" assinalada em nossas certidões de nascimento, e impressa em nosso corpo pelas marcas do viver. Em contraposição, este mesmo universo simbólico grego nos fornece a possibilidade e referência para harmonizar e temperar os eventos temporais, através de outra divindade, a que chamavam de *Kairós* o regente do "momento oportuno" um espaço/tempo em realidade atemporal, em que somos o que somos, realizamos o que desejamos, expressamos o que queremos e entramos em conexão com o Si-Mesmo.

*Kairós* é a imagem do tempo em que nos deixamos levar por algo, que de tão prazeroso, nos faz não perceber a passagem desse tempo. É um tempo onde o relógio não nos preocupa. É aquele momento em que trabalhamos em silêncio, em que nosso corpo se descontraí, e realizamos algo com concentração plena. O trabalho criativo e vivencial viabiliza essa entrega à própria subjetividade, pois oferece o espaço temporal para refletir sobre a complexa questão 'Quem eu sou?', fundamental para o processo contínuo de individuação" (PHILIPPINI, 2011b, p. 39).

Segundo Philippini (2011b) é a arte que viabiliza nosso encontro com *Kairós*, pois é no fazer artístico que perdemos a noção das horas. Penso que isso se dá em todo fazer que envolve a dimensão do prazer, onde certamente a arte se situa. A autora defende a criação de espaços-tempos *Kairós* em detrimento dessa correria em

que nos encontramos atualmente no mundo. Vivemos com tantos compromissos que aprender a respirar se tornou a maior demanda por mais centros de yoga!

Corremos de um lado para o outro e acabamos muitas vezes por não vivenciar profundamente nada, por não aprender nada de fato, por não estar inteiros em nenhum lugar, afinal, são tantos compromissos que deixamos de olhar para a conjuntura do que vivemos, para a nossa subjetividade e para o que de fato nos importa, para o que realmente precisamos nos voltar, para as relações complexas entre nossa vida e o modelo de sociedade em que vivemos, e como podemos atuar aí.

De acordo com Philippini (2011b, p. 44):

Um *setting* de Arteterapia por sua própria natureza nos ajuda a resgatar e restaurar o espaço/tempo de *Kairós*. Há ritos para começar: relaxar, respirar devagar, profundamente, convidar o inconsciente através das múltiplas modalidades expressivas. E depois numa paciente pescaria deixá-los vir, escapar às vezes, voltarem, e tantas vezes quantas sejam necessárias até que nos apropriamos deles, compreendendo seu significado.

Assim, a autora sugere que comecemos por nós mesmos a cuidar do nosso tempo subjetivo, porque é cuidando de nós, revendo nossas correrias, que poderemos auxiliar o outro, “sejam clientes, alunos e/ou familiares” (*ibidem*) a construir também essa outra realidade, de ter momentos de suspender o tempo profano, de mergulhar na sua subjetividade, de se encontrar nos afazeres que escolhe, e vivê-los de fato. É conhecendo-nos a fundo, que poderemos auxiliar outros nesse caminho.

Essa suspensão no tempo, o tempo *Kairós*, de Héstia, do *Temenos*, do Sagrado, da experiência significadora e significativa, é provocada por uma organização do Tempo profano, pautada no fluxograma descrito ainda no início do artigo. Ou seja, esse tempo sagrado se pauta no tempo profano, tendo começo, meio e fim. Afinal, somos regidos pelo tempo de Cronos. Então, o que faz esse tempo sagrado, dentro de uma organização profana, ser tão especial?

É que estas etapas – começo, meio e fim – são conectadas por um fio condutor ritualístico, que as integra através do tema trabalhado naquele momento. O tema é como uma agulha com linha, que costura as etapas do ritual – abertura, desenvolvimento, com a escolha de materiais e técnicas correlatos – finalização, de modo que ao final, exista uma congruência de sentido, uma “colcha de retalhos” imbuída de sentido e que gere a construção de sentido pelos sujeitos participantes.

Em relação a isto que está sendo chamado de “sagrado”, Jung defende que o instinto religioso é um dos instintos presentes na nossa vida mental, mas não se trata da religiosidade como crença na existência de um poder supremo, segundo ele (*apud* BELTRÃO, 2007, p. 45):

A experiência relativa ao inconsciente coletivo assume uma tonalidade religiosa, pois possuímos, instintivamente, um impulso para a realização de algo maior que nós. As religiões se apossaram das necessidades instintivas existentes no inconsciente. Por este motivo, ao nos voltarmos sobre nós mesmos, assumimos este movimento de tonalidade religiosa, o que nada tem a ver com confissão de fé, mas sim com uma experiência legítima, individual e profunda.

Neste sentido, o *setting* arteterapêutico é um espaço que promove a religação com o sagrado enquanto experiência legítima, individual e profunda que alimenta a energia criativa e dá sentido à existência através de rituais arteterapêuticos. Estes rituais geram *vivências*, sendo por vezes denominados assim no senso comum: *vivências arteterapêuticas*, e devolvem o ser ao Tempo sagrado, onde é possível religar-se consigo, escutar “o senhor do tambor” – o coração, e através das atividades sensorial, plástica, reflexiva, dar sentido às suas experiências.

Tanto este espaço pode assumir o caráter de um lugar seguro para aprofundar questões existenciais deste sujeito e aí provocar enfrentamentos em relação às suas sombras, como pode também ser lugar de repouso da alma, onde ela “toma um frescor” da correria que nos obriga a não olhar para dentro, mas sempre tirar de dentro para fora, num movimento que muitas vezes acaba “secando” esse *self*, esvaziando-o de sua potência criativa, deixando a alma árida e improdutiva, sem a

graça, a desenvoltura e a espontaneidade que é a forma natural do ser humano (LOWEN, 1982).

O *setting* geralmente é configurado numa relação com o **tema** abordado no grupo, isto é, muitas vezes, sua ambientação já sugere este tema, por exemplo, durante minha formação, no módulo de Contos e Mitos II, a professora responsável por este módulo, escolheu trabalhar o assunto em questão a partir de mitos africanos. A partir daí todo o cenário do *setting* estava envolvido nesse tema terroso, que remete à África – miçangas, elementos naturais, tecido africano cobrindo os materiais, antes de revela-los; músicas dos orixás, além do estímulo gerador – a contação de um mito de origem africana. Além disso, também o material expressivo a ser trabalhado estava em ressonância com tudo o mais: a argila, a ser adornada com os demais elementos, miçangas, etc. Ou seja, não somente enfeitavam o espaço, mas também eram utilizados na criação expressiva.

Tudo isso, toda esta dinâmica que acontece no *setting*, que envolve as pessoas em um fazer significativo, é chamado em Arteterapia de vivência – “a vivência de que participamos”, “a vivência que fizemos naquele dia”, por exemplo. Vivência arteterapêutica em grupo, portanto, tem estreita conexão com a descrição de Whitmont (apud FREITAS, 2005, p. 53) de uma “encenação ritualística, isto é, simbólica e delimitada no espaço e no tempo, visando a promover [a emergência de imagens e emoções assim como] sua aceitação, tolerância e assimilação pela personalidade”.

Segundo Freitas (2005, p. 54):

A valorização do ritual é encontrada em Jung (1950/1980), em revisão de uma palestra de 1939, na qual afirma que a regressão psicológica no grupo é inevitável, mas que ela pode ser parcialmente neutralizada pelo ritual, que coloca no centro a experiência de algo sagrado, com que o indivíduo deve estabelecer uma relação de interesse e atenção.

Jung não era muito adepto aos trabalhos terapêuticos em grupo, mas em determinado momento de sua obra “destaca elementos positivos da vivência grupal,

afirmando que ela pode conferir ao indivíduo coragem, apoio e dignidade” (ibidem). Durante a formação em Arteterapia na Traços-PE, fomos muito estimuladas ao trabalho coletivo, a nos percebermos como parceiras de uma jornada em comum. Para Angela Philippini, (2011a, p. 147): “A história de um grupo constrói-se a partir das vivências que seus participantes possam compartilhar em determinado território [...]” e é justamente “A dimensão vivencial do grupo arteterapêutico, constituída por suas múltiplas experimentações expressivas, [que] oferece o território e a matriz, para que sejam geradas as Redes”..

Estabelecer Rede Criativas é o principal objetivo do processo arteterapêutico em grupo – a conexão de uma pequena comunidade que estabeleça trocas criativas, que perpetuam esta alimentação do criativo, provocada durante o processo arteterapêutico em grupo, para outros espaços, fora dali. O pertencimento nos conecta com os outros, com a sociedade, conosco mesmos, com a vida, com o universo. É como nos enraizar, no território seguro e sagrado do *setting*, um útero germinativo, que nos acolhe e alimenta de energia criativa, para podermos disseminá-la para além de nós.

Segundo Freitas (2005, p. 59) “Héstia congrega as pessoas e possibilita uma experiência anímica, um local vivo, onde há comunidade e comunhão. Ela nos permite transformar uma casa em um lar, uma cidade em um espaço vivo”. Do mesmo modo, uma sala de aula em um ambiente acolhedor. Para Freitas (*ibidem*):

É interessante observar a relação do grupo com o espaço em que se dão os encontros. Há uma interação dinâmica, caracterizada por exploração, conquista e apropriação. As características espaciais têm uma força estruturante no grupo, na medida em que colaboram com a organização das interações, possibilitando aproximações e afastamentos entre os participantes e deles com o material expressivo e as produções realizadas, a cada momento. Achar o próprio lugar passa a ser um desafio em cada situação vivenciada no grupo.

Isto oportuniza a descoberta da individualidade dentro da coletividade – qual é

o meu lugar neste todo?

Pude sentir isso em inúmeros momentos durante minha formação, principalmente ao ser constantemente provocada a trabalhar com pessoas diferentes ao longo do curso. O estímulo das professoras foi fundamental para que isso acontecesse – “agora vocês vão buscar trabalhar com alguém com quem nunca trabalharam em dupla”, como provocou a professora do módulo de dança, por exemplo, já no final do curso. Para Freitas (2015, p. 60), “[...] nas etapas que envolvem tarefas manuais trabalhosas, cansativas e repetitivas, muitas vezes ocorrem importantes *insights grupais* ou aparecem símbolos a serem acolhidos e trabalhados pelo *self grupal*”.

Nesse sentido, Castillejo (*apud* FREITAS, 2005, p. 58) explica que “Héstia traz *calor*. Aquece e, ao fazê-lo envolve, protege, acolhe e apazigua. Traz conforto ao corpo, que pode ficar à vontade e descontraído. Cria um clima de sossego e confiança, permitindo uma atitude aberta para o novo, que poderá apresentar-se”.

Jung (*apud* FREITAS, 2005, p. 51) percebia problemas e desafios para o trabalho em grupo que de fato devem ser levados em conta como os “perigos de regressão, contágio ou intoxicação psíquica, criação de dependência mútua, perda de autonomia, massificação e fuga do confronto consigo próprio”. Tudo isso deve ser levado em conta, mas nem por isso, o trabalho em grupo é menos interessante e deve-se deixar de lado. Sim, a relação de grupo corre riscos se não for bem conduzida.

Por outro lado, para Whitmont (*apud* FREITAS, 2005, p. 51) “explorar o inconsciente, em sua manifestação numa experiência grupal, é tão importante quanto experienciá-lo pela introversão através de sonhos ou imaginação ativa”.

Para ele, a atividade em grupo possibilita que o indivíduo se sinta pertencente

de algo maior que ele, pode buscar e oferecer apoio mútuo, conviver com diversas personalidades e pontos de vista, vivenciar uma maior diversidade de situações, pode-se trabalhar melhor as projeções, e cria-se mais condições das pessoas desenvolverem entre si relacionamentos genuínos. “Whitmont destaca que o arquétipo do grupo pode ser vivenciado tanto na dimensão que envolve sentir-se pertencendo, quanto na que implica valores e leis” (FREITAS, 2005, p. 51).

Do mesmo modo, no livro “Grupos em Arteterapia”, Angela Philippini (2011a) nos fala sobre a importância do que ela chama de Dimensão Secundária desses grupos, que é justamente a dimensão das normas que regem o fazer coletivo. Ou seja, no trabalho em grupo, em *setting*, aprendo sobre o convívio com o outro, aprendo sobre o coletivo e posso levar essa vivência para o meu viver coletivo em sociedade. O grupo é uma miniatura do que vivemos fora dele. Por que não ser encarado como uma preparação?!

Então, de fato é importante cuidar para que o grupo não ofusque as individualidades, nem estabeleça uma relação de “muletas” para um ou outro indivíduo, mas que o grupo possa funcionar como um todo, que busca autonomia dentro das relações coletivas, que parte da subjetividade para o fazer com o outro, para a subjetividade do outro. Tecemos “subjetividades coletivas” nesse fazer em grupo, no espaço-tempo que oportuniza nosso encontro, conosco mesmos e com o outro – o *setting* do tempo sagrado e do acolhimento necessário para que o conhecimento nos chegue com prazer.

### **Considerações Finais**

Pensar o espaço como um espaço acolhedor, aprender a ritualizá-lo é olhar para os próprios espaços que ocupamos, fora do *setting* arteterapêutico, como espaços acolhedores em potencial. Levar esta sabedoria para a vida, significa cuidar

melhor dos espaço-tempos onde habitamos, seja a rua, o espaço de trabalho, o espaço doméstico, o espaço interno em nós. Assim, provocamos o acolhimento de nós mesmos e daqueles com quem convivemos em qualquer espaço que frequentamos.

A partir do acolhimento que foi gerado pelos *settings* das aulas da formação da Traços, pudemos vivenciar histórias pessoais e grupais, e um vínculo bonito de se ver foi estabelecido entre nós. Ouvimos histórias, vimos vídeos e imagens, mexemos nosso corpo, nos integramos em coletivo, nos autoconhecemos, conhecemos umas às outras, descobrimos talentos e potenciais pessoais e coletivas, aprendemos sobre os saberes que carregamos em nossas bagagens.

Esse vínculo foi provocado pelo *setting*, no caso da formação, uma sala de aula. E a autonomia desse encontro, em relação à sala de aula também foi provocada, e hoje, mesmo com as dificuldades de tempo, ainda nos encontramos, ainda trocamos coisas que lembramos umas das outras, e tenho certeza de que sempre que nos vemos por aí vai ser como ontem. E nos nossos encontros: um cheirinho, uma vela, flores... numa prova de que o rito está vivo, e de que todo espaço – a sala da nossa casa, uma sala de aula, o espaço urbano, etc. – pode ser um *setting* em potencial.

**Data de recebimento: 29.05.2020**

**Data de aceite 1º parecerista: 15.11.2020**

**Data de aceite 2º parecerista: 03.12.2020**

## Referências

BELTRÃO, Conceição Soares. **A obra alquímica de Clarice Lispector**. Porto Alegre: Espaço Arte-Ciência, 2007.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FREITAS, Laura Villares de. **Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana**. Psicologia USP, 2005, 16(3), 45-69.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.

KAST, Verena. **A alma precisa de tempo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LIEBMANN, Marian. **Exercícios de Arte para Grupos**: um manual de temas, jogos e exercícios. Summus editorial: São Paulo, 2000.

LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

PHILIPPINI, Ângela. **Grupos em Arteterapia**: redes criativas para colorir vidas. WAK: Rio de Janeiro, 2011(a).

\_\_\_\_\_. De Cronos até Kairós: a construção de um tempo de criação. In: **Arteterapia**: Revista Imagens da Transformação. Nº 8 – Vol. 08 – Novembro de 2011(b).

SHARP, Daryl. **Léxico Junguiano**: dicionário de termos e conceitos. São Paulo: Cultrix, 1991.